



# MOMENTO ATUAL É DE FORTALECER O COLETIVO

*Histórico de práticas antissindiciais no Valongo aumenta o afastamento entre Sindicato e categoria, fragiliza a luta por direitos e estimula a tentativa de encontrar saídas individuais para problemas coletivos. Em um período de fortes ataques, quem ganha com isso?*

Tem sido assim desde que a atual gestão assumiu a direção do Sindicato em 2015. Poderíamos listar, um a um, cada caso em que os dirigentes do Sindipetro-LP esbarraram nas práticas antissindiciais da gerência do Edisa Valongo. Basta dizer que foi nesta unidade que vivemos um dos fatos mais tristes da história da Petrobrás: a prisão arbitrária de dois dirigentes na greve de 2015.

De todas as unidades do Litoral Paulista, o Edisa Valongo é a única em que enfrentamos de maneira sistemática dificuldade para ter acesso. Aliás, volta e meia somos barrados diante das catracas do prédio. Um absurdo. Esses problemas recorrentes, infelizmente, não são obra do acaso ou medidas administrativas. É uma ação política da gerência, respaldada pela conivência do RH Corporativo, para impedir o livre exercício das atividades sindicais dos dirigentes.

Para ela, o paraíso na terra é deixar o Sindicato pra fora da unidade, fazendo o trabalhador buscar a resolução de seus problemas de maneira individual. Assim, há mais margem para manobras e negativas e de quebra evita-se qualquer tipo de iniciativa coletiva que ponha em xeque a gestão da empresa.

Mas sabemos que esse não é o único problema no Valongo. Existe também, e não é de hoje, um afastamento entre trabalhadores e Sindicato. Por muitos anos, o Sindicato contribuiu para esse cenário ao desprezar a necessidade de buscar formas de se construir esse vínculo. Somado a isso, não tivemos a oportunidade de construir antes da greve de 2015 uma relação de confiança mútua que permitisse definir coletivamente a melhor saída para as diferenças (muitas delas ríspidas) que se apresentaram durante toda a mobilização.

Nossa proposta é de que busquemos de maneira paciente e coletiva a melhor saída para construir uma relação entre Sindicato e categoria que reverta

a atual situação no prédio.

Quando assumimos a gestão identificamos problemas semelhantes no Litoral Norte, onde havia uma comunicação ruim entre Sindicato e trabalhadores. Boa parte dos petroleiros se sentia abandonada pelos diretores de Santos, cobrando maior presença do Sindicato. Desde que assumimos o Sindicato, passamos a ter um trabalho de base mais frequente, a visitar o Tebar e a UTGCA todos os meses. Dessa forma, avançamos bastante e hoje colhemos os frutos: a categoria se sente mais confiante para relatar os seus problemas e, principalmente, para se mobilizar.

**Precisamos aparar as arestas que existem há anos urgentemente porque o momento político e econômico do país não nos permite vacilar. O Sindicato tem o papel de apontar o caminho, mas não tem todas as respostas. Sozinhos, podemos cometer muitos erros. Coletivamente, temos muito mais chances de acertar. Este é um primeiro passo neste sentido.**

Por isso, pedimos aos trabalhadores que participem das atividades do sindicato, parando para ouvir nossos dirigentes quando estão na porta da unidade. Com o horário flexível, não há reflexo financeiro ouvir o sindicato por 30 minutos ou por uma hora

Além disso, é um direito do trabalhador! É nesse espaço que a categoria pode dar sugestões, críticas, ideias e saber o que está acontecendo nas outras bases. Afinal, nosso maior objetivo é representar os petroleiros (as) do Litoral Paulista de maneira integrada, facilitando e estimulando a unidade da categoria. Todos devem assumir a sua parcela de responsabilidade perante a profunda crise da empresa e a categoria deve dar uma resposta à altura, de maneira unificada.

**Mãos à obra! Juntos, somos mais fortes!**

# INSEGURANÇA NOS ELEVADORES EXPÕE NEGLIGÊNCIA E PRÁTICA ANTISSINDICAL

Três eventos envolvendo elevadores no Edisa Valongo deixaram os trabalhadores em alerta, com uma justa preocupação sobre a segurança nos aparelhos do prédio. Na última terça-feira (26), por volta das 10h30, um elevador passou do ponto correto do térreo e foi parado com um tranco forte pelos pistões de segurança.

No dia 27 de abril diretores do Sindipetro-LP se deslocaram até a unidade para tratar da investigação do acidente, mas foram surpreendidos com o cancelamento de seus crachás, que ao passarem na catraca registrou "inválido". Não é a primeira vez que dirigentes sindicais são barrados no Valongo, numa postura que não podemos interpretar de outra forma senão como prática antissindical. Existe nitidamente, como denunciaremos desde o início de nossa gestão, intenção da gerência em barrar o trabalho do Sindicato.

Logo após o acidente, diretores do Sindipetro-LP passaram a acompanhar o desdobramento das investigações e desde o início exigiram a CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho), baseado na perturbação funcional causada pelo acidente. No interior do elevador acidentado estava uma trabalhadora terceirizada, que por sorte não se feriu, mas sofreu forte abalo psicológico devido ao susto. Após ser atendida no ambulatório da empresa e em seguida levada ao pronto-socorro, a funcionária recebeu afastamento por dois dias. Neste caso específico também é necessário a CAT o que foi emitida pela terceirizada após pressão do Sindicato e da Cipa.

O elevador com problema foi interditado para que a perícia investigue o que ocasionou o episódio. Não por acaso, o incidente com o primeiro elevador pode ter sobrecarregado outros dois aparelhos, que travaram durante o uso, deixando os usuários presos entre cinco e dez minutos dentro do elevador.

## UM PROBLEMA ANTIGO

Não é de hoje que os elevadores do Edisa Valongo apresentam problemas. Em outras

ocasiões, os trabalhadores do prédio já haviam relatado trancos e travamentos dos equipamentos, algo que não deveria acontecer ainda mais em se tratando de aparelhos novos, instalados em um prédio recém-inaugurado. Ou seja, não foi por falta de aviso.

O Edisa começou a ser ocupado em outubro de 2014, já com a conclusão da obra em atraso, sendo que parte do sistema e projetos não havia sido concluído. A gerência do compartilhado assinou as condições especificadas, mesmo sem que tudo estivesse pronto. Os problemas mais graves estão no sistema de segurança, combate a incêndio, evacuação e TIC. Além disso, o prédio estava com pendências de NR-10 e NR-13 e nos testes de aceitação dos transformadores do prédio (sendo que um dos dois trafos principais de entrada já queimou, ficando então sem reserva até a fabricação de outro).

Mesmo com equipamentos de alto padrão, como são os elevadores, é evidente que com o passar do tempo e sem a devida avaliação esses sistemas começassem a apresentar panes.

Dentre os problemas cobrados pela diretoria do Sindicato nas reuniões com o RH local, a falta de avaliação em todo o sistema de eletrônico, tecnológico e de equipamentos antes da entrega do edifício são preocupantes e evidenciam a negligência da gerência da companhia.

O acidente desta terça provocou um alto nível de tensão no prédio, que só será superado após minuciosa investigação e resolução efetiva do problema.

O Sindicato manifesta grande insatisfação com o tratamento do caso pela equipe de saúde da Petrobrás, que dispensou a trabalhadora sem abrir a CAT, como quem quer esconder os fatos para não causar desconfiança nas pessoas.

Logo em um prédio administrativo, em que teoricamente não existem riscos operacionais, ficar a mercê de elevadores caros, mas com problemas, é algo inaceitável.